

TOMEI A PÍLULA VERMELHA...



Uma crítica à realidade eclesiástica do nosso tempo.

*“Jesus dizia aos judeus que haviam crido nele: Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos; e **conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.**” (João 8.31-32 – Almeida Século 21)*

Assistido por milhões de pessoas, o filme **Matrix** (lançado em março de 1999) é uma obra de ficção científica, cuja produção discute uma série de questões filosóficas das mais

importantes. No início da trilogia do filme, o mundo da Matrix é um ambiente ilusório em que os seres humanos, trancados em casulos, imóveis e adormecidos, flutuam em um líquido enquanto são neuralmente ligados a um gigantesco sistema computacional que simula o mundo no período do século XX. Este sistema foi desenvolvido por uma inteligência artificial para manter a população humana como meio de subsistência para as máquinas. Nos casulos toda a energia humana é removida, transformada em uma espécie de pilha, permitindo que as máquinas usem a energia bioelétrica do ser humano como principal fonte de energia. Anteriormente, as máquinas usavam a energia solar, mas essa fonte de energia foi cortada durante a guerra, quando o homem utilizou armas nucleares para iniciar um inverno nuclear.

O computador central (a Matrix) gera nos homens aprisionados experiências e sensações que os fazem acreditar que vivem uma vida social normal. Como eles estão “dormindo” dentro da Matrix, não percebem isso e vivem em uma “realidade psíquica perfeita”, alheios ao fato de que suas mentes estão presas e eles não podem pensar livremente. O filme nos mostra a Matrix como um sistema de controle.

Na trama o personagem Neo (interpretado pelo ator Keanu Reeves) é um dos que vivem no mundo da Matrix. Ele não tem conhecimento de que a sua realidade não é, de fato, real, nem que existe uma rebelião humana iniciada pelos poucos homens livres na cidade de Zion que, de tempos em tempos, libertam algumas pessoas da Matrix, em uma operação complexa e arriscada. Neo é encontrado no mundo virtual pelo personagem Morpheus (interpretado pelo ator Laurence Fishburne), que apresenta a ele duas pílulas: uma vermelha e outra azul. A pílula azul permitirá a Neo se manter na sua vida cotidiana normal, sem se lembrar do encontro dele com Morpheus. Por outro lado, a pílula vermelha – que na verdade se trata de uma droga destinada a perturbar o seu corpo neuralmente conectado à

Matrix – possibilitará a libertação de Neo do mundo virtual. Neo estava diante de dois caminhos: o do conhecimento da realidade, da verdade, representado pela pílula vermelha ou o caminho da ilusão, da ignorância, da fantasia, representado pela pílula azul. O que Neo resolve fazer? Qual a escolha que ele toma?



No filme Matrix, Neo toma a pílula vermelha e sai definitivamente do seu casulo. Ele descobre que vivia em uma utopia existencial, que seu corpo estava preso, e que o mundo real é dominado por máquinas cefalópodes que são capazes de voar e matar, e atuam como autônomos procurando e destruindo as naves da frota de Zion.

Para Neo, o mundo real e suas implicações não se revelaram nem de perto o mar de rosas que ele poderia imaginar. E não havia volta. A mente de Neo havia sido libertada permanentemente. Ele nunca mais enxergaria o mundo e tudo que lhe cerca da mesma maneira. Mas apesar do caos que estava diante dos seus olhos, Neo se apegou a uma esperança de que um dia, o domínio das máquinas sobre a humanidade teria um fim, algo que acontece no final do último filme da saga.

Saindo da ficção e adentrando na realidade eclesial do nosso tempo, podemos perceber que há algumas similaridades entre a ideia central do filme Matrix e a atual conjuntura da igreja evangélica hodierna. À semelhança do que ocorre na ficção, muitas pessoas que se dizem cristãs e professam uma fé dita “evangélica”, têm suas mentes conectadas a um tipo de sistema alheio àquele que é dirigido pela “mente de Cristo” (cf. 1Coríntios 2.16b).

A passagem bíblica citada inicialmente nos ajuda a entender melhor essa comparação. Em sua fala aos judeus que haviam crido nEle, o Senhor Jesus anuncia um tipo de liberdade sem igual para aqueles que se tornarem Seus discípulos – “Se, pois, o Filho vos libertar, **verdadeiramente sereis livres**” (cf. João 8.36). Partindo do princípio de que, só há libertação para aquele que se encontra preso, podemos concluir que todo ser humano – até que seja liberto por Jesus – permanece preso dentro da própria existência e refém da sua própria concepção de mundo.

É muito importante percebermos que a liberdade sobre a qual Jesus falava, seria conquistada somente **por meio do conhecimento** da verdade eterna (cf. João 8.32). Isso porque **o que nos liberta não é a verdade, mas o conhecimento dela. Porque se não conhecermos a verdade, a verdade não será verdade para nós, se tornando restrita apenas àqueles que a conhecerem.** Além disso o

conhecimento da verdade não deve ser algo teórico, acadêmico simplesmente. Ele também deve ser de certa forma empírico, intrínseco e experiencial.

Uma comunidade cristã norteada tão somente pelo amor, confiança, respeito e sinceridade mútua, só existe na mente de pessoas que, inconscientemente, estão intelectivamente trancafiadas no sistema religioso do nosso tempo. A verdade apresentada por Jesus aos judeus – e atualmente a nós através da Palavra de Deus e da relação empírica que temos com Cristo – tem o mesmo papel da “pílula vermelha” apresentada por Morpheus ao jovem Neo, isto é, possibilitar a libertação da nossa mente do sistema temporal em que vivemos, e ao mesmo tempo promover o nosso desligamento dos falsos saberes, ideologias e filosofias aos quais permanecemos conectados (presos) no período de ignorância.

Mas assim como Neo, que ao ser liberto, ficou decepcionado com a realidade diante dos seus olhos, muitas vezes nós, libertos pelo conhecimento da verdade do Evangelho, nos vemos decepcionados com a realidade presente no interior da maioria das igrejas ditas evangélicas. **O conhecimento da verdade libertadora do Evangelho de Jesus muda radicalmente a maneira como nós enxergamos e discernimos as coisas ao nosso redor.** Não há como escapar desse fato. O conhecimento e a experiência adquiridos do Evangelho ao longo da nossa vida, nos tira do nosso estado de inocência, ignorância e conforto existenciais, e nos leva para o mundo da maturidade e das experiências intrínsecas. No entanto, esse processo pode se tornar bem doloroso na vida de quem o vivencia.

Não é tão simples assim nos acostumarmos a viver “desconectados” de um mundo onde tudo era simples, puro e belo, e passarmos a viver em uma ambiência que na maioria das vezes é dominada pela malícia, pela falsidade, pela traição, pelo egoísmo, pela carnalidade, pela falcatrua, pela hipocrisia, pelo pecado. Principalmente quando nos damos conta de que todas essas coisas fazem parte da praticidade de vida de centenas ou até milhares de pessoas que fazem parte daquilo que chamamos de “comunidade da fé”.

A realidade eclesial no mundo real é bem diferente da ideologia de “castelo dos sonhos” pregado tão veementemente na maioria das igrejas evangélicas. Ao tomarmos a “pílula vermelha” e sermos posto para fora da “Matrix” evangélica, nossos olhos são abertos para a percepção de uma triste realidade.

Com dor no coração sou obrigado a admitir que, muito da fetidez que permeia a natureza humana corrompida, se mostra presente em muitas igrejas evangélicas – inclusive nos ministérios das mesmas. Mas é algo que só é perceptível para aqueles que tomaram a “pílula vermelha” (cf. João 8.32, 36) e foram libertos da realidade utópica existente em nosso meio.

Houve um tempo em que eu pensava que todos os pastores – pelo menos aqueles oriundos de igrejas históricas – eram santos homens de Deus (cf. 2Reis 4.9), preocupados tão somente em cuidar com excelência das ovelhas pertencentes ao “Supremo Pastor” (cf. 1Pedro 5.4) que é o Senhor Jesus Cristo.

Porém, o que vejo hoje são os chamados “homens de Deus” se transformando em “deus dos homens” (cf. Romanos 1.25). São pastores que, como o apóstolo Paulo corretamente profetizou (cf. Atos 20.29-30), atuam como lobos cruéis no meio das ovelhas e não poupam o rebanho. Distorcendo a verdade para atrair discípulos para si, pastores mal intencionados se aproveitam da inocência e da falta de maturidade cristã por parte das ovelhas para subjugar-las e extrair delas o leite, o pelo, a carne, o couro, até sobrarem apenas ossos secos e nada mais.

Antigamente eu acreditava que um grupo/ministério de louvor era sempre composto por pessoas que refletiam a imagem de Cristo em todas as áreas da vida, tendo como lema a declaração do apóstolo Paulo aos cristãos da Galácia: “... Não sou mais eu quem vive, mas é Cristo quem vive em mim. E essa vida que vivo agora no corpo, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (cf. Gálatas 2.20). Mas a realidade que enxergo é diferente. Vejo jovens e adultos vivendo fora dos templos uma vida antagônica aos padrões do Reino de Deus, enganando a si mesmos (cf. Tiago 1.22-25). São pessoas que há décadas possuem problemas de relacionamento com seus semelhantes e não fazem nada para resolver essa pendência (cf. Mateus 6.14-15). Pior: a maioria delas não está nem aí para isso. Outros mantêm uma vida de contínua defraudação, fornicação ou adultério, e sem peso na consciência sobem nas plataformas das igrejas onde cantam, tocam e dirigem o louvor normalmente. Não entendo como pessoas assim conseguem declarar que amam e servem a Deus sem se envergonharem diante dEle no momento de suas apresentações na comunidade (cf. Mateus 7.22-23).

Eu passei uma grande parte da minha adolescência e juventude acreditando que os participantes de qualquer ministério na igreja eram pessoas dotas e versáteis na Palavra de Deus (cf. 2Timóteo 2.15). Homens e mulheres possuidores de uma vida de oração e consagração a Deus que atendia com maestria a súplica que o apóstolo Paulo fez aos cristãos de Roma: “Portanto, irmãos, exorto-vos pelas compaixões de Deus que apresenteis o vosso corpo como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Romanos 12.1). Porém tenho me deparado com líderes portadores de uma fé rasa e fragmentada, cuja convicção doutrinária é facilmente diluída ao ser confrontada por simples sofismas¹. São pessoas que não conseguem fazer o básico, que é estar sempre preparado para responder a todo o que pedir a razão de sua esperança (cf. 1Pedro 3.15).

Durante o tempo em que participei do corpo discente da Escola Dominical e dos grupos familiares de estudos bíblicos, havia no coração e na mente de todos os cristãos – sem exceção – o axioma² de que a Bíblia é a eterna, infalível e inerrante Palavra de Deus em linguagem humana (cf. João 10.35), em

¹ **Sofisma.** Argumento ou raciocínio concebido com o objetivo de produzir a ilusão da verdade, que, embora simule um acordo com as regras da lógica, apresenta, na realidade, uma estrutura interna inconsistente, incorreta e deliberadamente enganosa. (Dicionário Houaiss)

² **Axioma.** Premissa considerada necessariamente evidente e verdadeira, embora não suscetível de demonstração. Verdade inquestionável universalmente válida, muitas vezes utilizada como princípio na construção de uma teoria ou como base para uma argumentação. (Dicionário Houaiss)

todos o seu conteúdo (cf. 2Timóteo 3.16). Mas nos últimos anos tenho contemplado igrejas amplamente contaminadas pelo “vírus” das teologias liberal e relacional que, através de subjetivismos hermenêutico e teológico, disseminam os mais variados tipos de pragas – a maioria delas letais – no coração e na mente dos membros incautos presentes nas igrejas. Isso sem mencionar o analfabetismo bíblico presente no corpo docente das igrejas. Já vi e ouvi “professores” ensinando – em igrejas tradicionais e históricas – que o Senhor Jesus não é Deus, mas apenas o Cristo, e que por isso não deve ser adorado. E que Deus criou a humanidade tão somente para suprir o “vácuo” de adoradores no céu, que passou a existir depois da queda dos anjos durante a rebelião ocorrida no Céu.

Um dos pilares na vida de qualquer cristão deve ser o estudo metucioso e aplicado da Palavra de Deus (cf. Josué 1.8; Salmo 1.2; 2Timóteo 2.7). Ainda assim, grande parte dos frequentadores de igreja não participa da Escola Dominical em suas igrejas. Nas manhãs de domingo a maioria prefere dar descanso ao corpo a dar sustento à mente e ao espírito. Muitos membros de igrejas evangélicas consideram o conhecimento bíblico como algo facultativo – alguns julgam até desnecessário. Afinal, se tiverem alguma dúvida, basta que eles perguntem ao pastor. O resultado disso são crentes cuja fé se encontra amumiada, letárgica, sem vida, totalmente à mercê das filosofias e ideologias mundanas do nosso tempo.

E o que dizer do palavreado dos nossos jovens!? Em uma de suas cartas o apóstolo Paulo aconselha: *“Não saia da vossa boca nenhuma palavra que cause destruição, mas só a que seja boa para a necessária edificação, a fim de que transmita graça aos que a ouvem.”* (Efésios 4.29). Mas longe das quatro paredes do templo, distante dos “fiscais da fé”, a massa da juventude cristã quando trafega na informalidade existente no convívio social – e virtual através das redes de relacionamentos –, deixa de aplicar o conselho apostólico e se habitua a articular frases carregadas de licenciosidade e a proferir os mais variados palavrões, sem o menor pudor. São raros os jovens que seguem à risca a ordenança petrina: *“Mas sede vós também santos em todo vosso procedimento, assim como é santo aquele que vos chamou”* (1Pedro 1.15). Tenho saudade do tempo em que a juventude cristã lutava com convicção e com toda a força para ficar marcada entre os amigos, entre os familiares, na sua geração, como pessoas que faziam delas as palavras do salmista Davi: *“Pensei comigo mesmo: Guardarei meus caminhos para não pecar com minha língua; protegerei minha boca com uma mordaca, enquanto o ímpio estiver diante de mim.”* (Salmo 39.1).

A lista de distorções existentes na cristandade contemporânea parece ser inacabável. Talvez seja por isso que, *“de 2003 a 2009, seis milhões de evangélicos deixaram de ter vínculo com ‘igreja’, saindo do sistema religioso, e na maioria dos casos, substituindo o templo-centrismo pelo cristocentrismo em suas casas”*³. Pode ser que, para alguns de nós, a decepção diante dessa nova realidade de vida seja tão

³ Cf. <http://portugues.christianpost.com/news/6-milhoes-de-evangelicos-sairam-dos-templos-religiosos-nos-ultimos-6-anos-16020/>

grande, que em determinados momentos da vida, por causa do mau cheiro exalado em muitas comunidades cristãs, temos sentido vontade de voltar no tempo e ter tomado a “pílula azul” em vez da “pílula vermelha”, preferindo a utopia existencial em vez de uma realidade desprovida de princípios inerentes ao Evangelho do Senhor Jesus Cristo. Contudo, essa opção não é dada para aqueles que querem viver verdadeiramente como participantes do Reino de Deus. Foi o próprio Senhor Jesus quem disse: *“Ninguém que ponha a mão no arado e olhe para trás é apto para o reino de Deus”* (Lucas 9.62). E o autor de Hebreus declara: *“... Não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé...”* (Hebreus 10.39).



De volta a trama do filme, quando a natureza da Matrix é revelada a Neo, ele se torna parte da resistência humana e revela-se “O Escolhido” (por isso o nome “Neo”, anagrama de “One”, o Escolhido). No filme o “Escolhido” será alguém que, conectado à Matrix, será capaz de vencer as regras estabelecidas no simulacro e manipular diretamente o seu código e, portanto, se torna capaz de tomar decisões e realizar ações contrárias àquelas que foram desenhadas dentro da realidade simulada da Matrix e, com isso, colocar um fim à guerra perpétua entre homem e máquina. Essa parte do filme me fez lembrar as palavras do apóstolo Paulo: *“E não vos amoldeis ao esquema deste mundo, mas sede*

transformados pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.” (Romanos 12.2).

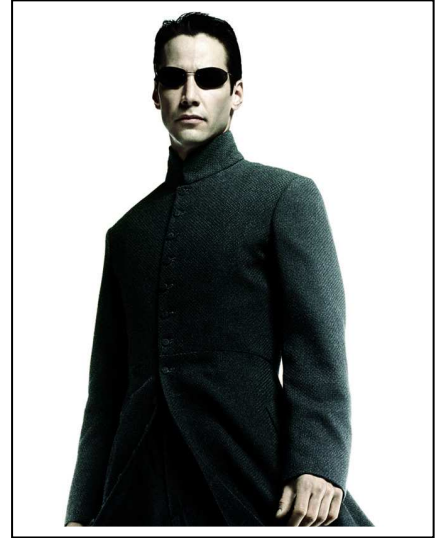
Assim como ocorre no filme, Deus também tem os seus “escolhidos”! Foi o próprio Senhor Jesus quem disse: *“Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu. Mas o mundo vos odeia porque não sois do mundo; pelo contrário, eu vos escolhi do mundo.”* (João 15.19). E o apóstolo Paulo ratifica a declaração do Senhor Jesus dizendo: *“Irmãos, amados de Deus, sabemos que fostes escolhidos por Ele [Jesus]... Devemos sempre agradecer a Deus por vós, pois ele [Jesus] vos escolheu desde o princípio para a salvação pela santificação feita pelo Espírito e pela fé na verdade, e para isso vos chamou pelo nosso evangelho, para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo.”* (1 Tessalonicenses 1.4; 2 Tessalonicenses 2.13-14).

A despeito de todos os males que elenquei acima, Deus sempre tem os seus escolhidos... Pessoas que “não dobraram os joelhos” (cf. Romanos 11.4) ao sistema e maquinações deste mundo. São homens e mulheres que têm a consciência de que não são perfeitos ou melhores que as demais pessoas (cf. Salmo 53.3; Eclesiastes 7.20). Ainda assim, são pessoas que buscam viver o dia-a-dia da maneira

como o Senhor Jesus viveria se estivesse no lugar delas, “*procurando alcançar aquilo para que também foi alcançado por Cristo Jesus.*” (Filipenses 3.12), “*tendo em vista o aperfeiçoamento dos santos para a obra do ministério e para a edificação do corpo de Cristo*” (Efésios 4.12).

Um último detalhe sobre o personagem interpretado pelo ator Keanu Reeves: “Neo” também é a palavra grega para “novo”. Paralelamente a isso, nós, cristãos, somos chamados a “*nos revestir do novo homem, criado segundo Deus em verdadeira justiça e santidade, (...) que se renova para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou.*” (cf. Efésios 4.24; Colossenses 3.10).

Todo cristão genuíno, que busca atingir a maturidade, a experiência, “*a unidade da fé, o pleno conhecimento do Filho de Deus, (...) à medida da estatura da plenitude de Cristo*” (cf. Efésios 4.13), precisa estar ciente das conjecturas que envolvem



o mundo real, além de estar preparado para confrontar essa realidade. Apesar da ojeriza que cerca o cristão verdadeiro, ele precisa “*prosseguir para o alvo, pelo prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus*” (cf. Filipenses 3.14). Para isso ele deve “*fixar os olhos em Jesus, o Autor e Consumador da nossa fé, o qual, por causa da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da vergonha que sofreu, e está assentado à direita do trono de Deus.*” (Hebreus 12.2).

Soli Deo Gloria.